

13.1

3. Agosto. 1996 sábado 18 horas
no Auditório da BIBLIOTECA MUNICIPAL DE NISA



SESSÃO DE APRESENTAÇÃO do LIVRO

"O MEU LIVRO"

da autoria de

ANTÓNIO JOSÉ BELO

de **MONTALVÃO**

Intervenção

de apresentação da obra e do autor pelo

Dr. António Cardoso Mourato

**O Autocarro Municipal fará a ligação
MONTALVÃO / NISA
para transporte dos interessados em
participar na Sessão
PARTIDA DE MONTALVÃO às 17 horas**

O MEU LIVRO



O ditado árabe invocado pelo Senhor António José Belo para justificar o volume que deu à estampa deveria constituir uma norma obrigatória de vida.

Assim, provavelmente, não se teria perdido a memória de tantos factos e de tantas personalidades hoje ditados no turbilhão dos tempos.

Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro eis a fórmula inspiradora de um autor que, ultrapassadas as naturais limitações de quem confessa, "nunca ter ido à escola", confia à sua generosa intuição a tarefa de legar aos contemporâneos o relato de uma experiência multifacetada, na prosa, no verso e até na imagem - a planta de Montalvão que adorna a capa.

António José Belo, poeta, romancista, artesão, pintor, fadista e trabalhador, deixa-nos a sua obra, escrita com alegria, carinho e amor. Expressa o seu desejo de que agrade aos benevolentes leitores em geral, aos Montalvanenses em especial. É evidente que não temos procuração de mais ninguém, mas podemos garantir ao senhor António Belo que, aqui

pelo jornal apreciámos devidamente o seu livro.

Ele constitui o testemunho autêntico e diversificado de uma vida, através da qual perpassam comentários, relatos, evocações, críticas, o drama e a poesia, a ingenuidade e o picaresco, tudo filtrado pelo espírito observador de quem não se limitou a ser um simples espectador passivo do que decorria em torno de si.

A autêntica cultura popular preencha as páginas deste livro que, nascido em Montalvão, Nisa, se expande pelo país inteiro, e toca em particular a nossa alma comum de alentejanos, simples e sensíveis, ainda não (totalmente) atingidos pelos "modernismos" intelectualizantes da capital.

"O meu livro" é isto mesmo. Resta-nos pedir ao senhor António José Belo que, à semelhança de quem planta várias árvores, e gera vários filhos, nos proporcione o gosto de leitura de mais livros seus. □



"NUNCA É TARDE PARA SE RECOMEÇAR" RIBEIRA DE NISA

Contrastando com o verde da serra, existe o vale coberto de branco, sinal do casario que aqui e ali se aglomera e forma os vários núcleos que constituem a freguesia de Ribeira de Nisa, que disfruta de tudo de bom que a natureza lhe deu: - o ar puro, a brisa suave que quase sempre traz um cheiro de pinheiro, a frescura cristalina das suas águas e a simplicidade das suas gentes.

De entre o casario de um desses aglomerados, salienta-se uma casa, tão branca e tão limpa como as outras, mas que no fundo é diferente. Não é a casa de um ou de outro; é a Casa do Povo. Nela funciona a extensão clínica e nela existem umas quantas divisões por agora não aproveitadas.

Recentemente, alguém se lembrou deste espaço inaproveitado, de o aproveitar e de

oferecer a todos nós algo de bom, de enternecedor, algo de dignificante e, sobretudo, algo de humano. Foi, pensando em tudo isto, que um grupo de pessoas se constituiu e começou a trabalhar no sentido de oferecer à população um Centro de Dia e Apoio Domiliário à 3ª Idade (e outros fins sociais e culturais).

É uma feliz ideia e, para que todos os habitantes acreditasse e lembrando a nossa Padroeira, juntou-se à designação do Centro o nome de "Nossa Senhora da Esperança". É, pois, na Esperança de dar a todos um pouco de carinho, de atenção e de apoio, que o grupo criador desta instituição confia e se empenha em minimizar o sofrimento e a solidão de uma velhice que a todos acontece.

Convém aqui salientar que o grupo conta com o apoio da

sua Cas...
dente d...
gre, com...
do Senh...
de Port...
casas co...
também...
toda a s...
nesta ob...
nificante...
naturais...
poderen...
Até n...
que não...
há mais...
Mas...
"Nunca...
çar!"...
E ag...
o nosso...
a funcio...
habitant...
gos da f...
Nisa, p...
para o...
melhore...

IRS/IRC: É MAIS FÁCIL PAGÁ-LOS

As empresas e os particulares podem agora satisfazer o pagamento daqueles impostos nos balcões dos correios. Nos termos legais, os pagamentos podem ser efectuados em moeda corrente ou em cheque à ordem dos CTT. Bastará entregar as guias de pagamento já preenchidas e apresentar o cartão de identificação fiscal. Os contribuintes poderão dirigir-se a qualquer estação dos CTT e receberão um documento comprovativo do pagamento efectuado. Os horários de pagamento são mais alargados que nos restantes locais, o que é mais vantajoso. □

Cecília Martinho

FESTA EM AL

Nos próximos dias 28, 29 e 30 de Julho realiza-se em Alagoa a festa de Verão em honra de S. Miguel.

No primeiro dia de festa o Rancho Folclórico do Reguengo fará a sua actuação pelas 22 horas. Haverá ainda neste dia pelas 23 horas um baile abrilhantado pelo conjunto "Skalabis".

No sábado, dia 29 às 18 horas realiza-se uma tourada e às 3 horas da manhã terá lugar a actuação da artista que

conquis...
val R.T...
Marina...
No ú...
horas h...
nais, en...
de sacos...
e corrid...
À uma...
terminar...
agradável...
Branca...
o seu no...
"Cantiga...

RÁDIO JUVENTUDE DE CASTELO BRANCO VAI ENTRAR EM FUNÇÃO

Na cantina da fábrica Centauro, em Castelo Branco, terá lugar no próximo dia 15 a cerimónia de relançamento da Rádio Juventude - Emissor

Region...
A a...
sões r...
tir do...

fonte nova



PORTE PAGO

Domingos & C
FIAT LANCIA

ESTRADA DA PENHA 7300 POR

Tel. 22615/25

Terra • Poetas da nossa terra

Montalvão

*António José Belo e a sua poesia
relembrando o passado
escreveu assim:*

Mote

Fui poeta e romancista
Fui artesão, fui pintor
Alguns tempos fui fadista
Também fui trabalhador

I

Levei a vida a cantar
Em festas e romarias
Passava noites e dias
As vezes sem descansar
São tempos para recordar
Enquanto um homem existe
Não há recinto nem pista
Que eu não dançasse o meu tango
Fui bailador de fandango
Fui poeta e romancista

II

Fui serrador de madeiras
Trabalho duro e pesado
Mas também cantava o fado
Em festas arraiais e feiras
Eu fiz mobílias inteiras
Obras de arte e valor
Várias vezes fui autor
Fiz desenhos e pinturas

Fazia caricaturas
Fui artesão, fui pintor

III

Quando eu era rapazola
São coisas para não esquecer
Eu aprendi a escrever
Sem nunca ter ido à escola
Fui tocador de viola
Bañolim e guitarrista
Na qualidade de artista
Muita coisa disse e fiz
Mas sempre me senti feliz
Nos tempos que fui fadista

IV

Enquanto o mundo for mundo
E nós saibamos dividir
Dá para cantar e rir
O tempo chega para tudo
Fiz o trabalho mais rude
Fiz histórias, fui historiador
Do folclore ensaiador
Para pazes fiz uma ermida
Fiz tanta coisa na vida
Também fui trabalhador

António José Belo
Montalvão

MONTALVÃO

Histórias, poesia e anedotas são o exemplo de como noutros tempos a vida era vivida, tal como diz a história de um homem que foi acusado nos seus pensamentos.

Nos tempos em que as pessoas tinham que se deslocar a pé para longas distâncias e transportar aos seus ombros haveres que para a sua vida eram precisos, nos dias quentes que ainda vêm nos meses de Outubro, um homem muito fatigado de uma longa viagem, foi forçado a deitar-se para aliviar o seu cansaço à beira de um caminho, porque estradas não as havia.

À sombra de uma poderosa azinheira carregada de frutos (bolota), o homem enquanto descansava pensava lá para os seus botões:

Dizem que no Mundo tudo está bem feito, mas quem o fez também errou em algumas coi-

sas. Ora vejam bem, pensou o viajante, uma árvore deste tamanho dar o fruto tão miúdo e uma aboboreira praticamente uma erva, dar abóboras que chegam a atingir 10 ou 15 quilos de peso, não seria melhor a aboboreira dar o fruto miúdo e a azinheira dar o fruto mais grande?

Ainda mal as palavras eram ditas, soltou-se uma bolota da azinheira, vem de esgalho em esgalho cair no rosto do viajante, este, imediatamente se levantou, apavorado dizendo que Deus me perdoe, mas eu não disse isto por mal, e reconheço que o que está no Mundo tudo está bem feito, porque se fosse uma abóbora bem me matava.

António José Belo

Montalvão: charadas do povo

Charadas que não são para ninguém, simplesmente para lembrar, como se empregam termos e verbos como a seguir se relatam.

I

Uma senhora muito fatigada com o seu trabalho, pediu a uma amiga que a ajudasse a engomar o seu vestuário, pois tinha falta de tempo. Ao que a sua amiga lhe respondeu: Olhe vizinha, faça como eu, que só passo o que não posso passar.

II

Numa quinta um homem lavrava com uma parilha de mulas, as terras para proceder à sua sementeira. Acabado o trabalho, o patrão perguntou ao criado:

— Já lavraste a terra? Mas não a gradaste? O criado respondeu:

— Não a gradei, porque o patrão também não tinha grade lá em casa, senão eu tinha agradado também.

III

Uma senhora foi à missa acompanhada das suas ami-

gas, quando por elas passou uma outra senhora muito bem composta, logo uma das amigas disse: vai ali uma senhora com um vestido vestido, que bem lhe fica.

IV

Sempre que um homem vai para uma festa com o seu fato novo, diz-se que vai de uma forma muito grave. O mesmo homem teve um acidente de viação em que teve de ir de urgência para o hospital, diz-se também que vai num estado muito grave.

V

Noutros tempos havia, ou ainda há, uma doença a que a medicina deu o nome de TINHA. Um homem estava tão doente, que a esposa perguntou ao médico qual a doença que o seu marido tinha. O médico respondeu à senhora que o seu marido tinha TINHA. Assim a senhora não ficou a saber a doença que o marido tinha.

António José Belo

Montalvão *Janeiro 1988*

Montalvão é uma das dez freguesias que compõem o concelho de Nisa; sendo noutros tempos a 2.ª mais populosa deste concelho, chegando a ter cerca de 3500 habitantes hoje está reduzida a um terço dessa população.

Para exemplificar: na década de 30, nomeadamente 1931-1934 Montalvão todos os anos dava entre 35 e 40 rapazes à inspecção para a vida militar, na data em que nos encontramos, 1987, apenas e só foram 3 rapazes à inspecção para o mesmo fim. Não é para desanimar mas é de perguntar onde é que as pessoas estão.

Noutros tempos o povo de Montalvão vivia com dificuldades financeiras, mas nem por isso a gente desta freguesia deixava de

ser bastante activa, alegre e trabalhadora, era um povo cheio de tradições, muito rico em folclore, teatro, toureio e jogos desportivos, de uma maneira geral a poesia existia na casa de quase todos os montalvanenses, era um delírio a gente desta terra.

Em situações de divertimento os montalvanenses nunca deixaram cair os seus frutos em mãos alheias, pena é se as novas gerações deixam perder os costumes que tanto têm valorizado Montalvão, que é a nossa terra.

António José Belo

Montalvão é uma das dez freguesias que compõem o concelho de Nisa; sendo noutros tempos a 2.ª mais populosa deste concelho, chegando a ter cerca de 3500 habitantes hoje está reduzida a um terço dessa população.

Para exemplificar: na década de 30, nomeadamente 1931-1934 Montalvão todos os anos dava entre 35 e 40 rapazes à inspecção para a vida militar, na data em que nos encontramos, 1987, apenas e só foram 3 rapazes à inspecção para o mesmo fim. Não é para desanimar mas é de perguntar onde é que as pessoas estão.

Noutros tempos o povo de Montalvão vivia com dificuldades financeiras, mas nem por isso a gente desta freguesia deixava de

ser bastante activa, alegre e trabalhadora, era um povo cheio de tradições, muito rico em folclore, teatro, toureio e jogos desportivos, de uma maneira geral a poesia existia na casa de quase todos os montalvanenses, era um delírio a gente desta terra.

Em situações de divertimento os montalvanenses nunca deixaram cair os seus frutos em mãos alheias, pena é se as novas gerações deixam perder os costumes que tanto têm valorizado Montalvão, que é a nossa terra.

António José Belo

MONTALVÃO

Histórias, poesia e anedotas são o exemplo de como noutros tempos a vida era vivida, tal como diz a história de um homem que foi acusado nos seus pensamentos.

Nos tempos em que as pessoas tinham que se deslocar a pé para longas distâncias e transportar aos seus ombros haveres que para a sua vida eram precisos, nos dias quentes que ainda vêm nos meses de Outubro, um homem muito fatigado de uma longa viagem, foi forçado a deitar-se para aliviar o seu cansaço à beira de um caminho, porque estradas não as havia.

À sombra de uma poderosa azinheira carregada de frutos (bolota), o homem enquanto descansava pensava lá para os seus botões:

Dizem que no Mundo tudo está bem feito, mas quem o fez também errou em algumas coi-

sas. Ora vejam bem, pensou o viajante, uma árvore deste tamanho dar o fruto tão miúdo e uma abóboreira praticamente uma erva, dar abóboras que chegam a atingir 10 ou 15 quilos de peso, não seria melhor a abóboreira dar o fruto miúdo e a azinheira dar o fruto mais grande?

Ainda mal as palavras eram ditas, soltou-se uma bolota da azinheira, vem de esgalho em esgalho cair no rosto do viajante, este, imediatamente se levantou, apavorado dizendo que Deus me perdoe, mas eu não disse isto por mal, e reconheço que o que está no Mundo tudo está bem feito, porque se fosse uma abóboreira bem me matava.

António José Belo

Montalvão: charadas do povo

Charadas que não são para ninguém, simplesmente para lembrar, como se empregam termos e verbos como a seguir se relatam.

I
Uma senhora muito fatigada com o seu trabalho, pediu a uma amiga que a ajudasse a engomar o seu vestuário, pois tinha falta de tempo. Ao que a sua amiga lhe respondeu: Olhe vizinha, faça como eu, que só passo o que não posso passar.

II
Numa quinta um f homem lavrava com uma parilha de mulas, as terras para proceder à sua sementeira. Acabado o trabalho, o patrão perguntou ao criado:

— Já lavraste a terra? Mas não a gradaste? O criado respondeu:

— Não a gradei, porque o patrão também não tinha grade lá em casa, senão eu tinha agradado também.

III
Uma senhora foi à missa acompanhada das suas ami-

gas, quando por elas passou uma outra senhora muito bem composta, logo uma das amigas disse: vai ali uma senhora com um vestido vestido, que bem lhe fica.

IV
Sempre que um homem vai para uma festa com o seu fato novo, diz-se que vai de uma forma muito grave. O mesmo homem teve um acidente de viação em que teve de ir de urgência para o hospital, diz-se também que vai num estado muito grave.

V
Noutros tempos havia, ou ainda há, uma doença a que a medicina deu o nome de TINHA. Um homem estava tão doente, que a esposa perguntou ao médico qual a doença que o seu marido tinha. O médico respondeu à senhora que o seu marido tinha TINHA. Assim a senhora não ficou a saber a doença que o marido tinha.

António José Belo

Montalvão

*António José Belo e a sua poesia
relembrando o passado
escreveu assim:*

Mote

Fui poeta e romancista
Fui artesão, fui pintor
Alguns tempos fui fadista
Também fui trabalhador

I

Levei a vida a cantar
Em festas e romarias
Passava noites e dias
As vezes sem descansar
São tempos para recordar
Enquanto um homem existe
Não há recinto nem pista
Que eu não dançasse o meu tango
Fui bailador de fandango
Fui poeta e romancista

II

Fui serrador de madeiras
Trabalho duro e pesado
Mas também cantava o fado
Em festas arraiais e feiras
Eu fiz mobílias inteiras
Obras de arte e valor
Várias vezes fui autor
Fiz desenhos e pinturas

Fazia caricaturas
Fui artesão, fui pintor

III

Quando eu era rapazola
São coisas para não esquecer
Eu aprendi a escrever
Sem nunca ter ido à escola
Fui tocador de viola
Bandolim e guitarrista
Na qualidade de artista
Muita coisa disse e fiz
Mas sempre me senti feliz
Nos tempos que fui fadista

IV

Enquanto o mundo for mundo
E nós saibamos dividir
Dá para cantar e rir
O tempo chega para tudo
Fiz o trabalho mais rude
Fiz histórias, fui historiador
Do folclore ensaiador
Para pazes fiz uma ermida
Fiz tanta coisa na vida
Também fui trabalhador

António José Belo
Montalvão

MONTALVÃO

FESTAS DOS CINQUENTA ANOS

Já vem sendo hábito em Montalvão a rapaziada do mesmo sorteamento ao chegarem aos 50 anos de idade, reunirem-se ou até algum dos mesmos, oferecer um borrego para na mesma data fazerem uma pândega. Assim fizeram em 13-8-88 o sorteamento dos cinquenta anos, um beberete no acolhedor café do João Gonçalves Leirina, foi pena não poderem ter participado todos, mas mesmo assim os que participaram fizeram uma festa com muito entusiasmo e alegria de viver.

FESTA DOS 40 ANOS

Em 14 de Agosto todos os que nesta data contavam 40 anos de idade, organizaram também uma festa deste sorteamento. O Dr. José Manuel Romãozinho, médico assistente da Faculdade de Medicina nos Hospitais da Universidade de Coimbra, este amigo de Montalgão de muito boa vontade ofereceu para este sorteamento de que ele faz parte, um cabrito para a festa que decorreu com muito brilho e que se prolongou para o dia seguinte. Todos se divertiram em boa harmonia e todos deram um bem haja ao sr. Dr. José Manuel.

FESTA DOS 60 ANOS

O que muito sensibilizou a todos em Montalvão e que é digno de registo foi o sorteamento dos 60 anos, que não quiseram ficar sem também manifestar a sua alegria, o seu contentamento de viver em comunhão de amigos entre os dois povos, Montalvão e Salavessa.

É de realçar também como aqui nesta freguesia se juntaram 17 rapazes com 60 anos de idade, assim quase como quem ainda se pode alistar num clube de futebol. Em assembleia geral e apoiado por unanimidade, todos estes amigos no dia 10-9, num acto de fé e de sentimento mandaram dizer uma missa por alma de todos os seus companheiros da mesma idade já falecidos que eram: Alexandre da Graça Guerra, Fernando Morujo da Silva, Manuel Pedro Artur, Aníbal Matos Roberto, e José António Ribeiro (o Pé Pé), sendo este último da Salavessa.

Foi um gesto de respeito e amizade, no dia seguinte e como combinado foram com os seus comes e bebes para junto da Ermida da N. Sra. dos Remédios para gozarem de boa água e igualmente das árvores que embelezam aquele local, esta rapaziada de 60 anos tiveram a honra e o prazer de para seu apoio moral convidarem o pároco desta freguesia sr. padre António Luís, cujo convite aceitou. Tudo correu dentro da melhor ordem como era de esperar, e no regresso esquecidos dos 60 anos que já passaram, percorrer as ruas da vila acompanhados ao som de uma concertina.

Sempre se tem dito que recordar é viver.

DESPEDIDA

Em Montalvão foi também muito sentida a despedida do sr. padre Mendonça, homem culto e prestimoso, muitas pessoas na impossibilidade de se despedirem do sr. padre despedem-se por este meio e desejamos que este pregador de paz e da disciplina, volte para Montalvão para com muito respeito ouvirmos as suas orações.

António José Belo

2 - Para fazer um resumo do que foi a minha vida e da minha família primitiva, comecei por dizer que me chame Antônio José Belo, tenho 84 anos de idade já não tenho Pai nem mãe, e já não tenho irmãos, porque dos 7 irmãos que eu tive eu fui o último filho ^{que} a minha mãe teve, de quem eu nunca me lembro esquecer, a minha mãe.

Quando eu saí do sono ou do sono da minha mãe, a um ou dois anos de idade, e comecei a distinguir as coisas junto dos meus 4 irmãos mais velhos, porque eram um irmão e 3 irmãs, sim, porque os 3 filhos que minha mãe teve primeiro eu não os conheci, morreram com as doenças que então vitimavam muitas crianças, as bezigas e saramba etc e como os meus pais tratavam a na vida agrícola. Todas as famílias viviam com dificuldades em angariar sustento para toda família em casa, e então aos 7 ou 8 anos o trabalho das crianças começava a ser apanhado, mas eu quando tinha 4 ou 5 anos aprendi a decifrar as letras do alfabeto com os poleos que andavam a escafo

ali aprendi a contrário, que e comecei a trabalhar os batorões mais, sem nunca quando eu iam para ir a área chamada distante de mor fui para outra cabeca gorda 5 a 6 k. de montão sítio mais fr e já então tinha explicações de ou 15 anos de trabalho para a onde se faz trabalho lim estava apto a respeitante a fui cumprir e fui sempre a a promoção montada no me dizer a pi como F. uniel, f natural de esta missão da

do que foi a
família
por dizer que
me sabe, tenho
o tenho Pai
tenho irmãos,
e que eu tive
a minha mãe
na minha
mãe.
Sono ou de
um ou dois
vezes a distân-
dos meus 4
porque eram
is, sim, porque
teve primeiro
e vieram com
vitimas em
rigas e seram
ais tratadas em
as famílias
lades em anga-
da família em
us anos o trabalho
sava a ser apro-
de tinha 4 ou 5 anos
tras do alfabeto
vam a escola

até aprendi a dizer o alfabeto ao 20
contrário, que ainda hoje o sei dizer,
e comecei a reparar, e alguém me
disse os valores que algumas letras
têm a mais, e assim fui aprendendo
sem nunca ter ainda ido à escola.
Quando eu tinha 9 anos, logo me ocupa-
ram para ir guardar cabras para uma
área chamada fonte ferrenha que fica
distante de montalvão cerca de 5 k. de pois
fui para outras áreas chamadas
cabeça gorda e vale de Judrão, distantes
5 a 6 k. de montalvão, depois vim para outro
sitio mais perto 2 ou 3 k. de distancia
e já então tinha a oportunidade de ir a umas
explicações de noite. Chegando aos 14
ou 15 anos de guardar cabras foi tra-
balhar para uma casa agrícola
a onde se fazia qualquer espécie de
trabalho limpar arvores, em fim eu
estava apto a fazer qualquer trabalho
respeitante a vida agrícola em 1933
fui cumprir o tempo de vida militar,
fui sempre um soldado exemplar
e fui promovido no grupo de Artilharia
montada no 14 em Portalegre, após
me dizer aqui, que o meu instrutor e
como Furril, foi o Sr. capitão Gomes
natural de nisa. Depois de cumprir este
esta missão da tropa fiz varios serviços

tal como cortar arvores 30 na abertura da Tunel^{na} para a praça 4
e da lenha fazer e ardo, a quem baixo da estrada nisa e até o Branco
como trabalhei nas vultas da água no sítio chamado Baixo da Mãe. A partir
que não desde o presente o centavo da Ophitei pela vida de zoroador de madeira
trabalho duro e pesado, a onde trabalhei

muitos anos, num raio 30 k, de
minha terra, muitos e cómodos me
serviram de abrigo e muitas fontes
me natalaram a sede. Quando em 1938
data que não me esquece nunca, por meado
ter nasci o meu filho, e então foi quando
a estrada Alinhão, nisa e até o Branco
foi aberta pela primeira vez e também
a largada, sendo o empilhado de Santar
de nome que adquei coisa Seivante.
eu e que sevei esses mostruozos
trances que havia sobre a estrada desde o
ribeiro de São Antonio, parte sul de nisa
está em baixo ao fundo de Baixo, esta
madeira toda feita em vigamentos. Em 1936
dia 12 de Fevereiro foi o dia do meu casamento
Inham então 24 anos, foi uma festa de casamento
muito alegre muito feliz, continando a nome
vida em 1947 dia 15 de Fevereiro foi o grande
desastro do ciclônio que açotou toda Simulho
Berica com vento e chuva de 150 quilometro
por hora fez estragos incalculáveis dilata
o baixo arvores de todos os tamanhos deuen
muito tempo a desambudir estradas caminhos

o. Cresceu inconscientemente, e então -
eu e o companheiro que trabalhava comigo -
não chegamos para onde eramos solteiros, e a hora dos pro-
tões e assim e antes de estar aí em vista a -
serração do Sr. José da Luz Correia, de então o Sr. Severino
filho de I. João Nunes, com a camioneta de o sacristão en-
traria os toros de madeira para um cabana a uns indovis
que então havia nesse largo que agora está trabalhoso os
livre ao lado da serração. Aonde fazíamos a Igreja restau-
grandes festas nas horas vagas isto, fazemos a Igreja
o meu companheiro tocava uma concertina com todas as e
e eu tocava um bandolim e te toda B. N. R. levei para lá
ali se divertiam, o que eles não nos deixa um grande m-
era trabalhar a hora de issar a bandeira, em 20 anos mais
no tempo em que havia uns poucos de ³⁰³⁰ ensinações aqui
aí em vista, eram fixos, os invencíveis, os da queda grand-
Brithantes e ainda os cathabris, e assim toca do e achei
estivemos serra de dois anos por conta é o que resta o r-
do Sr. José da Luz Correia, e ao serviço de ya aqui do cach-
revar tudo que era preciso a quem nos solici-
va, a te serramos a madeira dos ornamentos teatos o fofelou
para todos a parentes da serração ainda activa mas mu-
existentes. Dali fomos para o cachheiro tido, o meu trab-
a onde trabalhei para cima de uma actividades em o
duzia de anos, e chegamos ao cachheiro vam me as no-
a Igreja matriz está sem tehado já havia meu descanso
a uns anos já com avaras e reses de lá num estado de
dentro as imagens tudo estragado, em preiquia quas
e o meu companheiro com azeite do Sr. de Barros porcuys
Jaime Almeida, serramos as madeiras uns tempinho

renti, e então
a theoa comigo
li eramos solie
tar ai em nisa a
3 carreira, de entã
uma camineta de
para um calhano
ago que agora está
aonde faríamos
vagas isto, faz
uma concessão
a te toda B. N. R.
s não nos deixa
r a bandeira, era
uns poucos de
incensivos, os
cathabris, e assim
anos por conta
e ao serviço de
a quem nos solui
a dos assanamentos
vração ainda
hora o cachheiro
cima de uma
ros ao cachheiro
te thado já ha
es cresci até
o estragado, m
ardens do Sr.
os as madeiras

6 todas para reconstruir a Igreja, telhado, 5
portas e te as imagens o São, matias
a tra dos pareres vim os trazer a
Montalvão numa carrãoça mais
o Tio Severino, e o Tio Julio, que era
o sacristão entregui aqui os Santos
a uns indovidos muito artitas naquêles
trabalhos os Santos foram como novos
a Igreja restaurada e pintada e assim
fozemos a Igreja da Ferequisia de pe:
com todas as ex'ecas que the era preciso.
levei para lá também aqui de Montalvão
um grande mestre de olaria esteve lá
2 o 3 anos mais o menos que deu um grande
ensinacão aquêla imprensa a quêles oleiros
daquêla grande e valiosa empresa que é a
loica do cachheiro mais o seu empresaria
é o que resta o meu amigo João Lopes.
já aqui do cachheiro muitas vezes eu ia de
Bucetã de noite adôr ensaios a grupos de
tiatos o folclóricos. Eu tive uma vida, muito
activa mas muito desgastada, todos os Sen
tidos, o meu trabalho era demasiado violento
e actividades emaiador de tantas coisas, rouba
vam me as noites e tiravam o sono e o
meu descanso que eu aos 44 anos caui
num estado de fraqueza, tanto fisico como
preiquica quando cheguei aos 46 anos o
dehoreo horrey não pode mais, por cá andei
uns tempinhos tive que ser internado

1º Onde passei por ^{um} intervenção
cirúrgicas muito melindrosa e a breveitei
e perdi a que me tirasse também o apêndice
& uma Hernia, isto em 1953 depois de passar
estas tormentas já não valtei a vida de
cegador dediqueime a vida do artesanato
à proeria e a outras actividades que noutros
já vinha fazendo, e que também ^{um} tem os seus
quebra cabeças

em 1962 fui convidado para ir para Lisboa
para um colegio (casa dos Rapazes) ser
ali o filial orientador e a frente dos
destinos quase de uma centena de pessoas
aonde estive quase 4 anos, por motivos lá
do colegio, corri Lisboa todo por fora e no dentro
em defesa do colegio e das pessoas que ao colegio
pertenciam sempre que fosse necessário.

Em 1970
tinha eu nesta data 58 anos fui Presidente
da Direcção da casa do Povo de Montalvão houve
uma grande mudança no sistema da nossa
vida, foi quando veio o direito a reforma para
todos a lei dos equiparados fiz bem a
tanta gente sempre que o pudesse fazer e assim
o queiram cumprir, isto além do valor
que dei a minha terra na casa do Povo, ain-
agora sou o irmão mais idoso da santa casa da
misericórdia de Montalvão, e ainda mil e seis
hora o fundo Paroquial. Montalvão 22-7-95

António José Belo